

A cultura da macaxeira mudando a vida de uma família no Semiárido



Maria José Queiroz Barbosa, dona Zezé, como é conhecida por todos, é casada com seu Aluísio Barbosa da Silva, ambos tem 61 anos, estão juntos há 41 anos e vivem na comunidade rural de Serrote dos Bois em Caruaru-PE, onde dona Zezé nasceu e se criou. Os dois se conheceram com 18 anos, em uma visita que o jovem paraibano Aluísio fez aos tios em tempo de festas na comunidade. Daí, um ano e meio foi o tempo de namoro, noivado e casamento.

Os dois sempre foram agricultores, filhos de agricultores, nasceram e cresceram trabalhando na terra e lidando com a criação de animais. Quando casaram passou a viver com os pais de dona Zezé, no sítio onde moram hoje, mas ainda passaram nove anos na Paraíba antes de voltarem de vez para o Serrote dos Bois. O casal tem três filhos, Andreza Barbosa Silva, de 39 anos, Adalberto Queiroz Barbosa, 34, que mora fora do estado, e Aline Queiroz Barbosa Silva, 20, e três netos adolescentes, um rapaz de 17 anos e as gêmeas de 13 anos, filhos de Andreza.

“Passamos por muitas coisas, mas trabalhamos muito, dia e noite nessa terra, e eu “o”, segurando o dinheiro, guardando, ganhava e nem dizia, juntando e foi assim que a gente viveu, criou os filhos e foi melhorando né?” Conta dona Zezé.

Hoje, a família vive com fartura e muita união, mas já passaram muitas dificuldades. No começo do casamento o jovem casal lutou para conseguir comer, ajeitar o seu canto no sítio, criar seus filhos e ainda cuidar da mãe doente de dona Zezé. Já participaram das emergências da seca, em 1998. Plantaram milho, feijão, fava, palma, mas foi a macaxeira que fez e faz o diferencial para a família. A macaxeira é matéria prima para muitos produtos que a família comercializa como goma, tapioca, beiju, massa puba e bolos.



Seu Aluísio teve que trabalhar fora, na cidade para trazer o sustento, já dona Zezé nunca abandonou a terra. Mas a produção da macaxeira de forma agroecológica uniu o casal em torno da agricultura. Viram as coisas melhorarem, começaram a vender o excedente da produção e compraram a parte da herança do sítio aos irmãos de Dona Zezé.

No começo o excedente da produção era vendido para atravessadores, mas em 2008 eles conseguem colocar o primeiro ponto de venda fixo no Parque 18 de Maio, em Caruaru, que eles têm até hoje. E com a conquista do primeiro automóvel do sítio, o transporte dos produtos ficou bem mais fácil. Além da macaxeira e dos produtos derivados dela, D. Zezé levava galinha, ovos, castanha, laranja, milho, caju, jerimum, queijos.

E seu Aluísio comenta com admiração: ***“Zezé vendia e segurava o dinheiro, nem dizia, mas foi graças a ela que estamos aqui prosperando. Ela trabalha muito, tem medo de trabalho não, desde nova, eu é que sou mais mole (risos) e ela bora Aluísio”.***



“Nas facções era muito trabalho, não tinha tempo pra nada, uma missa, os filhos, nem um lazer. Agora é outra vida, uma coisa vai animando a outra, as cisternas, os fomentos e vendo meu galinheiro desse jeito, uma fatura. E meus filhos já estão aqui ajudando. O rapaz ajuda com os bois, as meninas com as galinhas, os ovos, estão fazendo até trufas agora, uma delícia”, Se orgulha a mãe Andreza.

Em 2014, conquistam a Cisterna Calçadão, a segunda água por meio da Articulação Semiárido (ASA), quatro anos depois a produção aumentou tanto que colocaram barraca na Feira da Agricultura Familiar, toda sexta-feira no centro de Caruaru. O casal, além das cisternas, de primeira e segunda água, conta com o biodigestor e a casa de farinha que incrementaram a produção. Mas, em 2021, Dona Zezé contraiu a Covid 19 e passou 15 dias na UTI, se afastando, assim, das feiras por um tempo.

Andreza que estava trabalhando para as confecções do pólo têxtil da região - muito trabalho, pouco descanso e dinheiro, precisou ajudar os pais neste momento e viu a possibilidade de voltar à agricultura. A filha mais velha do casal que desde os 15 anos trabalhava na costura, por facção - que é a terceirização da costura de peças de roupas por empresas têxtil a baixo custo, as costureiras ganham por peça, não pesou duas vezes e mudou de vida. Assim, a rotina exaustiva da costura foi abandonada por Andreza que foi ajudar os pais no roçado, nas criações de animais e assumiu as feiras, enquanto sua mãe se recuperava. Daí não voltou mais para as facções e abraçou a agricultura agroecológica.





Aline, que foi para Caruaru estudar, também teve o momento de ajudar a família. Em 2025, a mãe precisou entregar a barraca da Feira da Agricultura Familiar para cuidar da saúde e essa missão ficou com a caçula. Na feira, Aline e o marido vendem tudo que vem do sítio, além de fazer, na hora, tapioca de vários sabores para seus fregueses, servidas junto com chá de ervas do quintal de dona Zezé. Cinco e meia da manhã das sextas-feiras e já começa a se formar uma fila de clientes em frente a barraca, e se não chegar logo, arrisca ficar sem os produtos tão procurados.



“Aqui é assim, uma correria, mas eu fico é feliz, temos goma novinha, massa, beiju, ovos, galinha, fava e a tapiquinha feita na hora quente, com chá, olha, é sentar ali e pedir”, oferece Aline.

Assim dona Zezé e seu Aluisio juntaram a família ao redor da agricultura, da agroecologia e do valor das lutas e conquistas. União que é uma beleza de ver, cada um com sua contribuição, produzindo, gerando renda e melhorando a vida no Semiárido pernambucano.